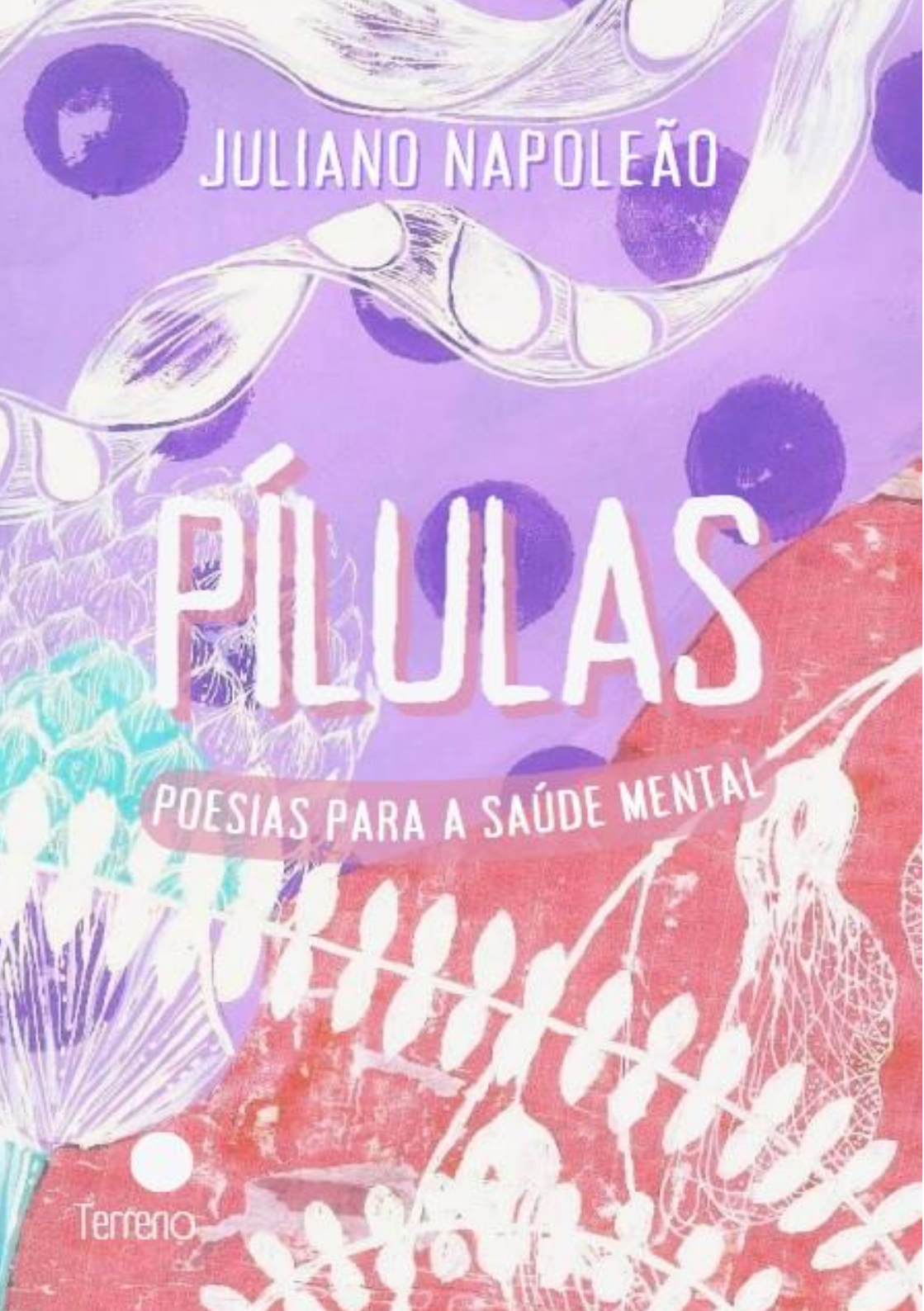


The book cover features a vibrant, abstract illustration. The top half has a purple background with a flowing, light-colored ribbon-like shape and several dark purple circles. The bottom half has a red background with white, stylized plant motifs, including a large, feathery plant on the left and a branch with small leaves on the right. The author's name is at the top, the title is in the center, and the subtitle is on a banner across the middle. The publisher's logo is at the bottom left.

JULIANO NAPOLEÃO

PÍLULAS

POESIAS PARA A SAÚDE MENTAL

 Terreno

PÍLULAS: poesias para a saúde mental

JULIANO NAPOLEÃO

PÍLULAS

POESIAS PARA A SAÚDE MENTAL



Terreno

POLÍTICA NACIONAL
PNAB
ALDIR BLANC



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Todos os direitos reservados.

Grafia de acordo com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Artes visuais: Deraldo Ferreira Neto

Capa e projeto gráfico: Juliano Napoleão e Marcelo Barros

Preparação, checagem e revisão: Juliano Napoleão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Napoleão, Juliano

Pílulas : poesias para a saúde mental / Juliano Napoleão. – 1ª ed. –
Lins, SP : Terreno: Cultura de bem viver, 2025.

ISBN 978-65-988764-0-1

1. Poesia brasileira. 2. Poesia e saúde mental. 3. Pensamento crítico.
4. Bem viver. I. Título.

25-301307.0

CDD-B869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

*Para Nanda, companheira querida,
de amor, de arte e de vida.*

SUMÁRIO

CONVERSA ANTES DOS VERSOS

- 11 O projeto pílulas
- 14 Carta aberta a quem lê:
poesias para saúde mental?

SEM TEMPO

- 23 Sem tempo
- 24 Quase-humano
- 25 O garoto da moto
- 27 Retratos de uma época
- 28 6x1
- 30 Mono-game
- 32 Circular
- 34 A lenda do homem transparente
- 36 Orquestra metropolitana de sirenes
cotidianas
- 38 Jogo duro
- 40 Anti-advertising
- 41 O fim da rolagem infinita

2 CUIDADO COM O AUTOCUIDADO

- 45 Cuidado com o autocuidado
- 46 A beleza dos espinhos
- 49 Mais do mesmo
- 50 De tela em tela
- 52 A estúpida profecia da cidade inteligente
- 53 Fica na sua
- 55 Coberturas
- 57 Falta falta
- 58 Lua de Clarice
- 60 A maior traição
- 61 Torra das torradeiras
- 62 A causa do caos

3 ORAÇÃO AO TERRENO

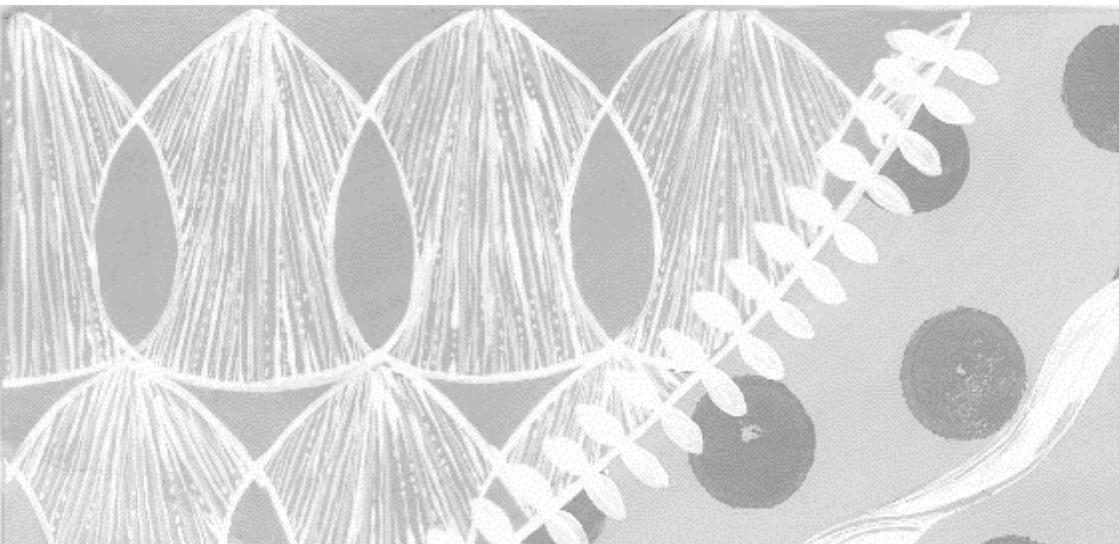
- 65 Oração ao terreno
- 66 Os novos alquimistas
- 67 Folhas de anúncio
- 68 O monge, o basta e o bastão
- 70 Sonho real
- 73 Lugar de escucha
- 74 Shisei (vida-morte)
- 75 Uma só carne
- 76 Nada não
- 77 Encontro distante
- 78 Sunset
- 80 Terreno mantra
- 81 Cotidiano avesso

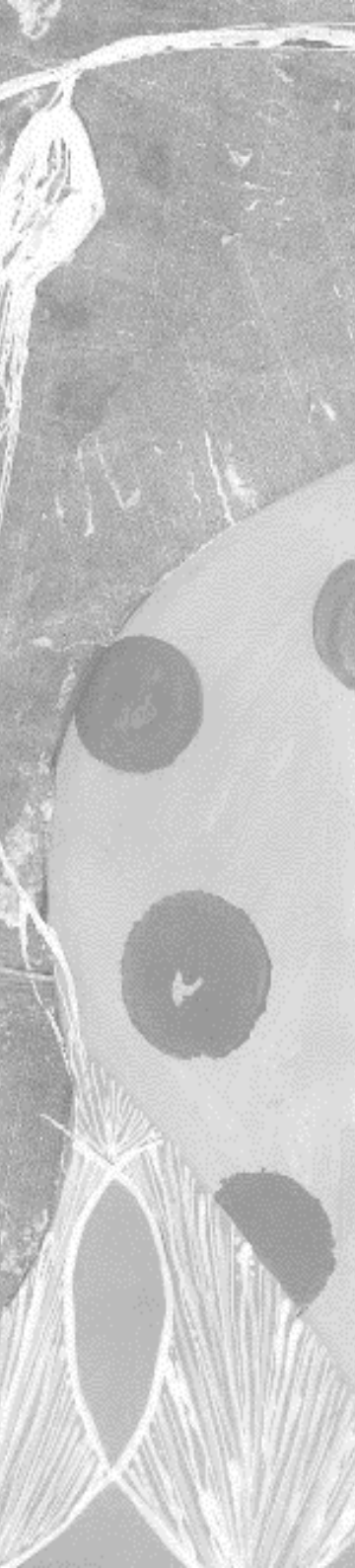
4 EU PASSARINHO

- 85 Eu passarinho
- 88 Metáfora
- 89 Três desejos
- 90 De saída
- 92 Tempo de vida (meditação)
- 93 De ladinho
- 94 Saudade
- 95 Belo tombo
- 96 Pássaro frondoso
- 98 Outro querer
- 100 Era vida
- 101 Desejo estranho
- 102 Uru-Tao

5 LIBERTAS

- 107 Libertas: breve ensaio sobre a liberdade





CONVERSA ANTES DOS VERSOS

O PROJETO PÍLULAS

Em uma era marcada pelo esgarçamento dos laços de solidariedade e pertencimento, por injustiças econômicas, sociais, políticas, culturais e ambientais que deterioram as condições de vida e de trabalho e, por decorrência, agravam os casos de ansiedade, depressão e outros transtornos, o projeto Pílulas emerge como proposta artística e ética em que a poesia – para além de seu valor em si – almeja se tornar instrumento de análise crítica e cuidado coletivo.

Contemplado pela Política Nacional Aldir Blanc (Governo Federal/Ministério da Cultura) e executado em articulação com a Secretaria de Cultura de Lins/SP, Pílulas institui uma estratégia de fomento cultural territorializada, integrando os eixos da educação, da saúde e da cultura.

Por meio de instalações concebidas pelo artista plástico Deraldo Ferreira Neto, o projeto levou poesia aos corredores e salas de espera dos postos de saúde da cidade. Ao ampliar a capilaridade da produção literária, qualificou esses espaços públicos com uma curadoria poética sensível, estimulando o debate e a reflexão social sobre a proteção e a promoção da saúde mental.

Ademais, a iniciativa concretizou o acesso à poesia ao distribuir exemplares impressos em escolas e

bibliotecas comunitárias, além de disponibilizar, também gratuitamente, o e-book em plataforma aberta. Ao fomentar o acesso à cultura e ocupar artisticamente espaços públicos e territórios cotidianos, o projeto defende que o enfrentamento dos transtornos mentais transcende a esfera individual e se configura como compromisso e desafio coletivo.

Mais do que uma coletânea de versos, Pílulas constitui-se como manifesto e movimento ético e estético que questiona a construção histórica e social do sofrimento psíquico e aposta na arte como caminho para reconstrução de vínculos. É poesia que se contrapõe à captura mercantil do cotidiano e sugere aberturas para modos alternativos de existir caracterizados pela comunhão com o outro e a natureza.

Ao expor as tensões e absurdos que se impõem em nossas rotinas urbanas hiperconectadas, os versos de Juliano Napoleão se prestam ao desvelar das amarras que prendem o viver contemporâneo à lógica exaustiva do desempenho, do consumo e da competição narcísica. Trata-se de fazer poético que perpassa a introspecção de quem o lê enquanto convocação para a mudança, e para o reconhecimento da arte como campo transversal e existencial em que reverberam as circunstâncias materiais, simbólicas e políticas de transformação de nossas vidas mentais e sociais.

Ao fomentar a solidariedade e a crítica, Pílulas reafirma o interesse público primordial da proteção e

promoção da saúde mental como uma das dimensões estruturantes da vida social democrática. A poesia aqui é celebrada e compartilhada como código e canal de interpretação de si e do mundo, remédio, protesto e pacto corajoso de alteridade em busca de respiro, esperança, amor e liberdade.

Ler estas páginas é participar de um movimento urgente e plural que nos convida à reconexão com horizontes éticos em que sonho e realidade se constituem coletivamente e em reciprocidade, em nossas buscas de bem viver.

CARTA ABERTA A QUEM LÊ: POESIAS PARA SAÚDE MENTAL?

Na correria barulhenta das cidades e das redes, na pressão constante por eficiência e performance, tem sido cada vez mais difícil a gente se escutar. Escutar os outros, escutar a si mesmo e a vida que pulsa em nós.

As buzinas, ruídos, sirenes, gritos, e notificações nos afastam das pausas e dos silêncios. São muito, muito raros os estímulos para a contemplação e a reflexão sobre o sentido do que escolhemos fazer de nossas vidas. Ao contrário, multiplicam-se rotas de fuga imediatistas para o excesso de trabalho e de consumo.

O resultado não poderia ser outro: a crise severa de saúde mental que encaramos na atualidade. No Brasil e no mundo, são assustadores os índices de ansiedade, depressão e outros transtornos. Mais do que os índices, espantam a degeneração do convívio, os olhares sem brilho, a escassez de entusiasmo e cuidado.

Pílulas nasceu da inquietação diante de um tempo em que o sofrimento psíquico é tratado como falha individual, quando tantas e tantas vezes é sintoma coletivo.

Nesta época esdrúxula de imposição massiva de vidas e rostos padronizados, a angústia insiste em nos visitar com frequência – mesmo sendo persistentemente

varrida para debaixo do tapete. Em vez de encará-la, muitas vezes recorremos a subterfúgios de prazer imediato ou remédios em doses cada vez maiores para abafar o aperto no peito.

Ao mesmo tempo, as redes sociais nos inundam com imagens de uma felicidade irreal, intensificando nosso sofrimento e nos induzindo a também fingir que está tudo bem, em busca de aceitação. Nesse jogo perverso, não é fácil escutar nossos desejos de mudar de vida, de transformar quem somos e o que vivemos.

Este é, para mim, um ponto que merece especial atenção no enfrentamento da crise de saúde mental contemporânea. A saúde mental não se reduz ao bom funcionamento químico-cerebral. O óbvio tem sido reiteradamente ignorado: a saúde da nossa mente depende da saúde da nossa vida.

Nossa saúde mental depende da saúde das relações que estabelecemos com nossos corpos, pensamentos e sentimentos, com as pessoas ao redor, com as comunidades das quais fazemos parte, com a cultura e com a natureza. Em decorrência, promover a saúde mental é promover mudança de vida. É estimular o amor, a crítica, a coragem e a escuta atenta, indispensáveis para a consolidação de relações saudáveis e para o bem viver.

Neste objetivo, temos sido privados de uma importante dimensão da existência humana: a poesia. Qual foi a última vez que você conversou com alguém sobre os versos de um poema e sua relação com os desafios que enfrentamos na vida? A criação, a leitura, o diálogo e o olhar poético têm sido expulsos do mundo. E isso está mais relacionado com nosso sofrimento psíquico do que costumamos supor.

A vida é um mistério. Na busca de dar sentido ao que vivemos, a linguagem é instrumento e caminho. É por meio das palavras que nomeamos o que encontramos em nós e ao nosso redor, nossas observações, sentimentos e desejos. Mas a realidade é mais complexa do que aquilo que conseguimos dizer sobre ela. Sempre que descrevemos as tensões e contradições de nossos pensamentos e emoções, das relações sociais ou da beleza e da força da natureza, sobram lacunas e silêncios perplexos.

É nesse espaço aberto que a poesia pode se converter em revelação. Com metáforas, ritmos e imagens, ela dialeticamente alcança o indizível não somente sobre o que a vida é, mas também sobre a vastidão de possibilidades do que ela pode se tornar — experiência profunda de sentido, de liberdade, de solidariedade e de conexão.

Este livro é um convite. Um convite para que você caminhe comigo por cinco trilhas poético-filosóficas que

tenho atravessado e que não pretendem chegar a lugar nenhum. Dito de outra forma, não pretendem concluir nada — mas sim abrir espaço para o inconcluso, para o movimento, para a mudança, para a vida.

Nossa jornada se inicia com SEM TEMPO, que reúne poemas sobre a vertigem digital e urbana, marcada pela rolagem infinita de um cotidiano frenético de competição, aceleração e exaustão.

Na sequência, em CUIDADO COM O AUTOCUIDADO, as poesias rodeiam a angústia diante da captura narcísica e da degeneração das práticas de cuidado como projeto ensimesmado de culto à própria figura. Os versos evocam a empatia e a alteridade como condições de possibilidade do cuidado: cuidar de si é cuidar do outro, é cuidar das relações que vivemos.

Atentos aos riscos de nossa irrefletida adesão ao modo de vida hegemônico – urbano, digital e narcísico – podemos ler em ORAÇÃO AO TERRENO uma abertura para o reconhecimento da vida humana enquanto vida terrena, transitória, finita e integrada de modo enigmático às demais vidas presentes na Terra e ao cosmos que nos rodeia.

Adiante, EU PASSARINHO celebra poeticamente o reencontro com outros cantos, outros voos, outras maneiras de viver. Enaltece a criança e os passarinhos como imagens potentes da invenção simples, lúdica, livre e amorosa da vida.

O arco narrativo que organiza a as poesias no livro não se encerra, tem novo início com LIBERTAS, um breve ensaio poético e filosófico em que encaro, humildemente, o desafio de dizer o que é – e o que não é – a liberdade, alicerçado na convicção de que saúde mental e liberdade são indissociáveis. Mais do que isso. Acredito que *saúde mental é liberdade: crítica, amorosa e coletiva*.

Cada poema deste livro é dedicado a pessoas que me ajudam a encontrar sentido na vida – em minhas buscas por saúde mental, por uma vida mais livre e significativa. São pessoas que inspiram transformações transversais em minha história, pela potência de suas ações e contemplações. Na poesia, na literatura, na música, na filosofia, nas ciências, nos saberes tradicionais e em muitas outras frentes, com elas aprendi que a vida é uma passagem que pode ser sublime.

Essas dedicatórias não são apenas homenagens. São pontes. Pontes que ligam minhas angústias e desejos às buscas de quem me transforma – e que, agora, estendem-se também até você. Cada poema propõe esse trânsito. Convida à conexão entre o que eu sinto, o que aprendi com quem me inspira, e o que você vive e anseia. Espero que a leitura de *Pílulas* seja espaço vivo de diálogo. E que cada verso se abra ao seu olhar e escuta, à sua realidade e sonhos, à sua caminhada.

Cada poesia é uma pílula, sim. Mas não no sentido farmacêutico da palavra. São pílulas de sentido, de amor, de crítica, de esperança. São pequenas doses de vida que se recusam a padecer passivamente.

Ao ler, você pode se emocionar, se reconhecer ou se estranhar. Rir, chorar, conversar, discordar: tudo é bem-vindo. Porque este livro não é do Juliano. É nosso. Pílulas pretende ser movimento poético de desconstrução e reencontro de si e do mundo, em comunhão com a natureza. É feito para ser lido e vivido com o corpo inteiro. De cabeça e coração abertos, sem pressa.

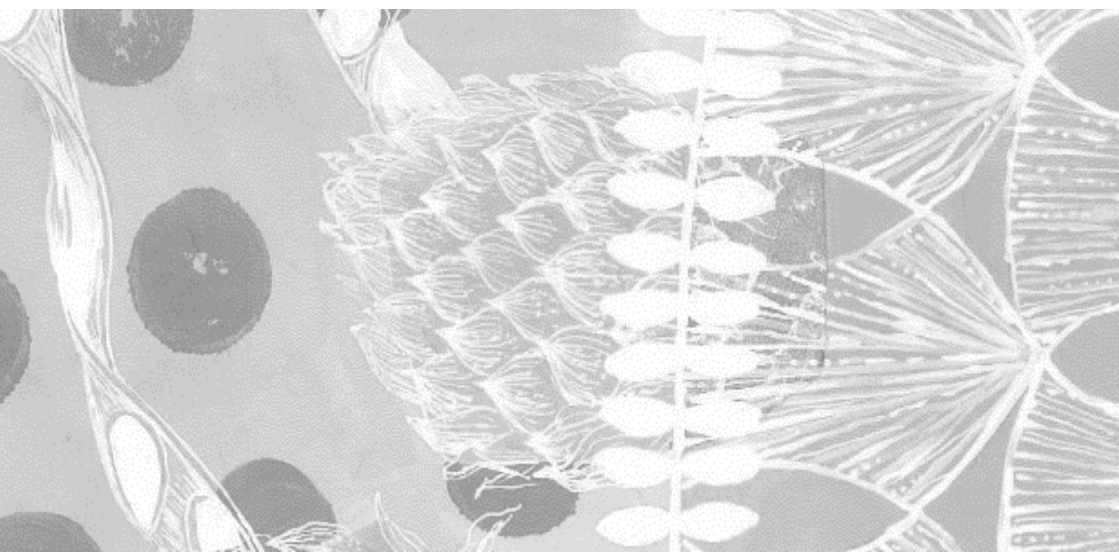
Se você chegou até aqui, já aceitou o convite. Vamos juntos. Que esta leitura seja respiro. Que seja também provocação. Que nos ajude a lembrar que viver —bem viver— pode ser um ato ético e poético fascinante.

Com ternura e coragem,

A handwritten signature in purple ink, reading "Juliano Wapoleão Barros". The signature is fluid and cursive, with the first name "Juliano" being the most prominent.



SEM TEMPO



SEM TEMPO

(Para Eduardo Galeano)

Todo dia, todo o dia,
a mesma correria.
O tempo todo sem tempo.

Apertamos o passo,
passamos aperto.
De repente, notamos:
já se foram mais dez anos.

Mas é como se fosse ontem.

Em décadas apressadas,
os dias e as semanas,
os meses e os anos,
as compras e as disputas
parecem iguais.

Décadas que decaem decadentes.
Reiteradamente no mesmo.
Sem amanhã.
Sem ontem.
Sem tempo.

QUASE-HUMANO

(Para Carlos Drummond de Andrade)

Quando eu recebi
um e-mail da melancia,
de dentro da geladeira,
em que ela me dizia
estar quase vencida,
acho que também me senti assim.

Talvez a internet das coisas
e as coisas da internet
tenham ido longe demais.

Mas, de supetão, nova notificação.
O aplicativo escolheu a próxima música,
meu novo emprego, o próximo encontro.
Guiou o melhor caminho.
Escolheu a camisa, as melhores posições,
o vinho e os gerânios.

Avaliou-se por mim
com cinco estrelas,
enquanto eu observava
o fogão a me observar.

O GAROTO DA MOTO

(Para Ariano Suassuna)

Entelado na capital,
ele não lembra do cheiro
da flor da pitangueira.

Toma seu café apressado,
de queimar o céu.
Da boca, farelos de pão na roupa.

No corre, acelerado,
cambaleia ofuscado
pelo acaso solar.
E tenta equilibrar
os pacotes, o cansaço e a fome.

As luzes da cidade
lembram de um filme ou canção.
Cantarola, no capacete. Transpira solidão.

Sente saudades.
Dos dias de sonho cantado.
Presente na mente, mente o passado.
O rolimã, o pique-bandeira,
O olhar da mãe, a goiabeira.
As tardes de bobeira.

Nas esquinas, encruzilhadas.

Todos os dias.

Dezesseis horas.

Pensa no desgaste da moto.

Não vai aguentar.

RETRATOS DE UMA ÉPOCA

(Para Olgária Matos e Cecília Meireles)

Quem ainda fotografa por memória
para reter um momento, preservar uma história?
Quem se dispõe a cultuar o passado,
se estamos apressados,
para obter e ser o novo,
para lançar o velho fora?
Quem é que se demora nas fotos de outrora?

Hoje, nos fotografamos sem olhar.
Saltamos de foto em foto,
saltitantes de falsa euforia.
Convertidos em pano de fundo,
saturados em céus de brigadeiro,
a vida e o mundo degeneram-se por inteiro.

Enchemos nuvens de vazio.
Envoltos pela tempestade,
encharcados de melancolia.
Perdidas nas telas, em selfies sem rostos,
nossas faces são mercadorias.

6x1

(Para BNegão)

Segunda-feira e eu aqui.
Na terça-feira, eu tô aqui.
Ainda é quarta – e ainda aqui.
É quinta-feira, eu tô aqui.
Chegou a sexta e eu... aqui.

No sábado, eu não aguento mais.
Viver dias tão iguais.
Só trabalhar, comprar e agradecer.
Mais que trabalhador,
eu sou um ser.

No sábado, eu não aguento mais.
É só boleto e trampo, não há paz.
Só trabalhar, comprar e agradecer.
Já já eu morro e nem sei o que é viver.

Rolando a pedra todo dia.
Sísifo todo dia.
Chupa a cana e assovia.
Dia e noite, noite e dia.
Mas que rotina de agonia!

No sábado, eu não aguento mais.

Pessoas artificiais.

Eu quero te amar,

não te entreter.

Mais que mercadoria,

Eu sou um ser.

No sábado, eu não aguento mais.

Lixos audiovisuais.

Eu quero me amar,

Não me entreter.

Já já eu morro e nem sei o que é viver.

MONO-GAME

(Para Clarice Lispector e Juliana Strassacapa)

Ela sempre lhe dizia muito,
Mesmo com poucas palavras.
E seus não-ditos calavam fundo.
Sorria com fluência em várias línguas.
Versava com os olhos. Castanha facúndia.

Mas ele não a via. Ele não ouvia.
Ecoava sempre, ensimesmado.
Sua voz grossa, sua grosseria.
E a monotonia da sua fala vazia.

Hoje, ele entrou em casa
com as botas sujas.
Espalhou marcas.
Muito barulho. Silêncios profundos.

Sem chão no piso enlameado,
ela não sabia o que fazer.
Os gritos, a fúria e o medo.
As crianças.

O ontem.
O hoje.
O amanhã.

Eles não se falavam.
Não se beijavam.
Estavam juntos em solidão.

Em cada um,
o crucifixo contemplava,
o jantar-se,
na sala de estar
fadado ao desencontro.

E o amor vivido – ou imaginado,
confunde o presente e o passado.
No medo das cinzas,
Na eterna ânsia de recomposição,
faz, do futuro, amarga repetição.

CIRCULAR

(Para Miracy Gustin e Raquel Rolnik)

Apressado e abatido,
não confiava nos seus olhos.
Ao amanhecer, as ruas da cidade
eram de uma tranquilidade
incompatível com o concreto.

Apertou o passo
para chegar ao ponto.
Os ruídos do coletivo
e suas lanternas vermelhas
repetiam o ardor habitual.

Mais uma vez, ocupou seu lugar.
Sentado, calado junto à janela.
Ao menos, hoje, resistiu à tela.
Por instantes, desfranziu a testa
e se deixou levar.

Pelo caminho habitual
dos mesmos sacolejos e buzinas.
E as mesmas preocupações de ontem.
Maquinou-se.
Repisou mentalmente sua sina,
de mais uma terça esperando a sexta.

Na lotação sem cortina,
testa novamente franzida,
tomou na cara sua vida-jazida
e o inafastável sol de um novo dia.

A LENDA DO HOMEM TRANSPARENTE

(Para Byung-Chul Han e André Dahmer)

Dizem por aí que ele vive
em uma casa de vidro inteligente.
Nada esconde, sempre se expõe.
No que faz, no que pensa e no que sente.
Essa é a lenda do homem transparente.

O homem transparente não é invisível.
Ele é todo visível.
Ele é moldado, de modo sofisticado,
pela transparência de cada dado coletado.
Atravessado por informação,
transparente é seu corpo, seu rosto,
seu cotidiano e coração.

Nada erótico, o homem transparente
é pornográfico e anda nu.
Nada cobre ou descobre, não seduz.
Não é penetrante, não desperta paixão.
Raso letreiro luminoso de si,
propaganda abusiva e abusada.
Não se pode levar a sério,
não instiga pelo mistério.

Não há beleza no homem transparente.
Seu brilho imediato não fosforesce,
seu perfume não tem fixação.
O homem transparente não é uma criação.

Sua transparência absoluta preenche suas pálpebras.
Não pode fechar os olhos.
Sempre estridente,
O homem transparente não se pode ver
em lugares de silêncio.

O homem transparente também não é real.
A vida real se rodeia de morte, não do digital.
Para além do que se vê,
nossa realidade encarnada
é velada e desvelada.
Estranha e nebulosa passagem,
Perpassada de mistério, dúvida,
liberdade e coragem.

ORQUESTRA METROPOLITANA DE SIRENES COTIDIANAS

(Para Criolo)

Sirenes.

Luzes e sons esganiçados
invadem as ruas
do centro do meu peito.

Alerta de urgência
que atropela o trânsito
da vida e seus silêncios.

Sirenes.

No perambular desesperado da ambulância.
No inflamável apagar de incêndios
do camburão, negreiro navio.
Do insensato, estridente assovio
convertido em senda.

Sirenes.

- *É um desastre!*

- *Salve-se quem puder!*

Ninguém pode contra a chuva
de dinheiro e ganância,
que naturaliza tragédias
como as lamas amargas
do Rio Doce.

Sirenes.

Ao anunciar as circunstâncias,

No desespero, ecoam esperança.

De socorro, de resgate,

De remidora intervenção.

Ressoam dores agudas.

Pulsam em vermelho sangue.

Convocam para a fuga.

- Ou para a ação?

JOGO DURO

(Para Juca Kfourri e José Miguel Wisnik)

Depois da notícia indigesta,
talvez, o futebol.

Mas como esquecer que somos goleados
Neste mundo-campeonato hostil,
em que o culto do valor moral do trabalho
é o canto das torcidas exploradas e desorganizadas?

Parece conveniente,
à exploração de quem trabalha, sua fé.
Na dignidade advinda da indignidade.
Na estima da rotina
de pressão e alívios encenados.

Crença inabalável, cabulosa.
Mesmo diante das penalidades máximas,
raras vezes marcadas pelos juízes,
mas nitidamente marcadas
por cores, sexos e classes.

Na derrota vergonhosa da massa,
geral vai na fé e ignora a regra clara do jogo:
a infração de faltas brutais contra a grande maioria,
para que poucos sejam os cartolas do mundo.

Malditos nobres senhores,
que se dão ao luxo das banheiras,
sem que sejam impedidos, em suas tabelinhas
e esquemas táticos doentios,
de avançar na direção da zona de perigo.

Entre carrinhos e pernadas,
dominam a redondinha.
Fintam a realidade e antecipam
o erguer dos braços
ou o apito final?

ANTI-ADVERTISING

(Para Dráuzio Varela e Wagner Moura)

PUT DOWN YOUR PHONE
AND EMBRACE BOREDOM.¹

¹ ANTI-PROPAGANDA:
LARGUE O CELULAR / E ABRACE O TÉDIO.

O FIM DA ROLAGEM INFINITA

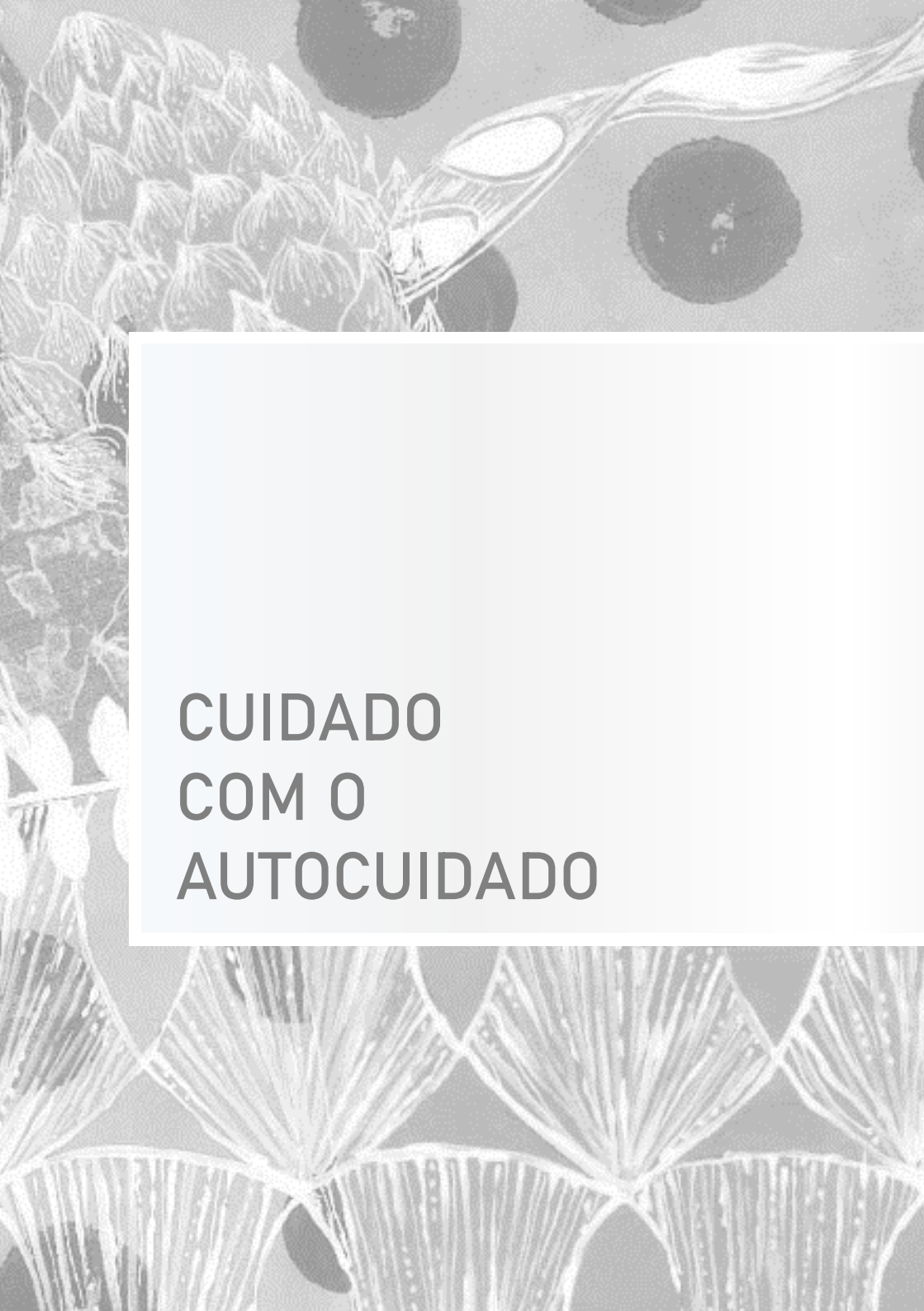
(Para Lenine)

Pessoas robotizadas
programam robôs
que programam
pessoas robotizadas.

Convém leninear novas figuras.

Nas gargantas e nas amarras,
não há nó que não se desfaça.
A vida, ainda tão rara,
não para, não pode parar.

Tudo passa, vai passar.
Nenhuma rede
é maior do que o mar.



**CUIDADO
COM O
AUTOCUIDADO**

CUIDADO COM O AUTOCUIDADO

(Para Alexandre Coimbra Amaral e Leonardo Boff)

Entre cremes, suplementos e pomadas,
implantes, procedimentos e cirurgias,
o autocuidado sufoca.
E expulsa o cuidado mútuo dos nossos dias.

Cuidado.
Quem cuida só de si não cuida de si.
Ignora que é pelo outro constituído.
E se perde, em ritos mecanizados,
em torno do seu umbigo envaidecido.

Cuidado.
Cuidado não é performance falseada de gentileza.
Nem autoritária negação
do desejo, do envelhecimento e da tristeza.
Não é serviço ou produto da indústria da beleza.
Nem o fardo pesado da exigência de leveza.
Cuidado é partilha da vida,
é comunhão com a natureza.

Cuidado é encontro e desencontro.
É vulnerabilidade e potência.
Em um mundo tão hostil,
é gesto amoroso de resistência.

A BELEZA DOS ESPINHOS

(Para Oswaldo Giacóia)

A dor, para ser dor, precisa ser narrada.
Dor que só dói, sem sua história contada,
não transforma, acomoda,
logo após ser medicada.

Dor não se tira com a mão de reis.
Da taumaturgia ou da psiquiatria.
A dor dói na vida que atravessa o corpo
da criança que somos, com febre na cama.

Mas, adoecida, a criança alucina.
E nas telas se imagina
herói inabalável ou adorável princesa.
Quer peito de aço blindado
ou ser plenamente protegida,
em sua sofisticada delicadeza.

Sua descrição de si, seu imaginário,
seu bolo de aniversário,
negam suas memórias e singular identidade.
Falseiam as cores e a ausência de dores
dos sorrisos de plástico dos brinquedos
forçados pela publicidade.

E envelhecem, plastificados.
Detalhadamente desenhados para negar a gravidade.
Em suas amenidades e rituais de sacrifício,
simulacros de alegria são os ossos do ofício
de suas ideias e ações sem autoria.

Quando um ser histórico
abandona a criação de sua história,
não doem só os joelhos,
o peito, a cabeça e as derrotas.

Dói a ausência de dor verdadeira,
na persistente irrelevância corriqueira
das noites e dos dias.

Sem dor não se pode parir
sangue novo, coração,
fogo, desejo, paixão,
aflição, consciência,
destino e porvir.

Como o poeta suicida
que sabia não sabia
tocar a vida e o violão,
é preciso estranhar
a caixa de papelão
em formato de coração.

Gritar sua reclamação,
seu lamento e agonia.
Das esquinas aos cais,
na força dos seus ais,
fazer-se nascer-morrer-nascer-morrer
do enigma radiante
da aurora que anuncia
o sol poente como única via.

MAIS DO MESMO

(Para Pedro Cardoso)

Na mesma rua,
na mesma hora,
o mesmo homem.
O homem mesmo.

Na mesma mesa,
o mesmo jogo.
Com a mesma régua,
a mesma medida.

Com o mesmo gesto,
o mesmo gosto,
do mesmo modo.
Na mesmice mesmo.

Mesmo que, no fundo,
não quisesse o mesmo,
ser o mesmo,
foi assim.
Assim mesmo.

DE TELA EM TELA

(Para Caetano Veloso)

De tela em tela,
asse o tempo, veja a vida passar.
Passar sem se passar.
Longe de onde se está.

Para um drama feito de feijão,
uma vida feita só de não.
Ela também tem as coisas dela,
eterna tampa sem panela.

De tela em tela,
ignore os sentidos, ignore a favela.
Ecoe seu ego com filtros,
sem choro, nem vela.

Para um drama feito de razão,
uma vida sem explicação.
Ele também tem as coisas dele,
sem guias que o aconselhe.

De tela em tela,
a série substitui a novela.
Trama vazia, nada revela.
Novas versões da mesma cela.
Para um drama feito de limão,
duas vidas só de circo e pão.

Nenhum doce vence o azedume.
Da solidão que os une,
do julgamento que os pune,
do medo que não se assume.

Basta.
Não ter para ser.
Não se vender.
Não servir para nada,
nem se bastar.
Basta de se bastar.

Sediar a sede
que o mundo mata.
Regar contra a corrente.
Na verdadeira navegação,
que faz, do naufrago, o mar.

A ESTÚPIDA PROFECIA DA CIDADE INTELIGENTE

(Para Miguel Nicolelis)

Dos fundos do vale
das luzes sombrias,
emerge a insana profecia.

Em um dia qualquer,
de um futuro qualquer,
em *smart city* qualquer,
qualquer rotina de atualização
eliminará o obsoleto.

Não será necessário qualquer
teste de distinção:
você é um robô
ou parte da nossa civilização?

FICA NA SUA

(Para Arnaldo Antunes)

Fica na sua.

Fica na sua tela.

Cela.

Carteira.

Poltrona.

Gaiola.

Função.

Cabeça.

Que brada.

Meta.

Solidão.

Fica na sua.

Fica na sua tela.

Contido, entretido, perdido.

Iludido, deprimido, retido.

Vencido, convencido, vendido.

Fica na sua.

Fica na sua tela.

Teleapático.

No cada um por si.

Falseado em si.

Longe de si.

Longe de nós.

Longe.

Dos nós em nós.

Dos sonhos que somos.

Da nossa história.

Da vida na Terra.

COBERTURAS

(Para Bia Ferreira e Mônica Salmaso)

Não tenho espaço para esse aplicativo.
Não devo ser compatível.
Não tenho tempo para isso,
tenho que trabalhar.

Talvez seja esse dispositivo
de obscena obsolescência.
Não tenho tempo para isso,
tenho que comprar.

Um anúncio cobriu a tela
que cobriu a vida.

O ar está coberto de perigos.
Os encontros, proibidos.
Cubra seu rosto de tecido,
cubra-se de solidão.

Nas redes sociais,
camadas de ódio e vaidade
dão cobertura
para a truculência dos demais.
Cubra mais um corpo,
coberto de razão.

Enquanto isso,
a cobertura dos jornais
encobre a indiferença
às diferenças sociais.
Cubra mais um corpo,
encoberto de razões.

O sinal está ruim.
Não é um bom sinal.
Vocês estão me vendo?
Vocês estão me ouvindo?

Deve ser interferência,
deve ser viral.
Vocês estão se vendo?
Vocês estão se ouvindo?

Preciso desligar.
Vamos perder essa conexão.
Deixar cair.
Descobrir novos meios
e novos fins.

FALTA FALTA

(Para Jout Jout e Tim Bernardes)

Que falta faz
a falta consciente
de que a falta faz
a potência que falta.
Escuta, abertura, presença.
Que falta, falta!

LUA DE CLARICE

(Para Black Alien e Odilon Esteves)

Clarice me disse
para andar distraído.
Mas, se não me atento,
sou atentado por mim.

O diabo me espreita
em cada curva.
A luz do farol ofusca.
Quando eu vejo,
o que era estrada,
agora é queda.

Que vício,
esse precipício,
de afundar
em mim.

Ainda confuso,
tomo nota.
E procuro poesia
na agonia
de me perder
em minha imagem.

Como quem escreve
uma mensagem
dentro de uma garrafa
que, lançada fora,
boia, mar adentro.

Enquanto boia, distraída,
a frágil garrafa é envolvida
pela escuridão
e pela luz dos outros
faróis que a iluminam.

Se esvazia da própria mensagem.
Estala e se instala
Em cada caco seu que flutua,
Refletindo, despretensiosa
e silenciosamente
a luz da lua.

A MAIOR TRAIÇÃO

(Para Maria Homem e Emmanuel Lévinas)

Atender o desejo do outro
de que você seja o mesmo
é deixar de ser outro
para o outro.

Por carência do outro,
acatar o outro
que não quer o outro,
que não é o outro,
é trair o outro em nós.

TORRA DAS TORRADEIRAS

(Para Gregório Duvivier e Gregório de Matos)

Certamente, você não é uma torradeira.
Eu também julgo não ser uma torradeira.

Mas, se nos tratamos como torradeiras,
descartáveis como torradeiras,
eternamente ligados na rede,
em prontidão, frenéticos pelo próximo pão,
se somos compactos,
com novos designs retrô,
entediantes por medo do tédio,
se fazemos sempre o mesmo,
disponíveis ao uso na bancada,
desde o café da manhã,
até a ansiedade da madrugada,

Se, clinicamente,
todos os dias,
torramos
o pão,
a verdade
e a vida,

Somos mais?

A CAUSA DO CAOS

(Para Gilberto Gil)

A causa do caos não existe.

E são muitas.

As intenções das interpretações.

Mas, de onde vejo,

o lucro é o antidessejo.

Insólito monólito espesso

que impõe o horror desde o berço.

No acende, apaga, acende

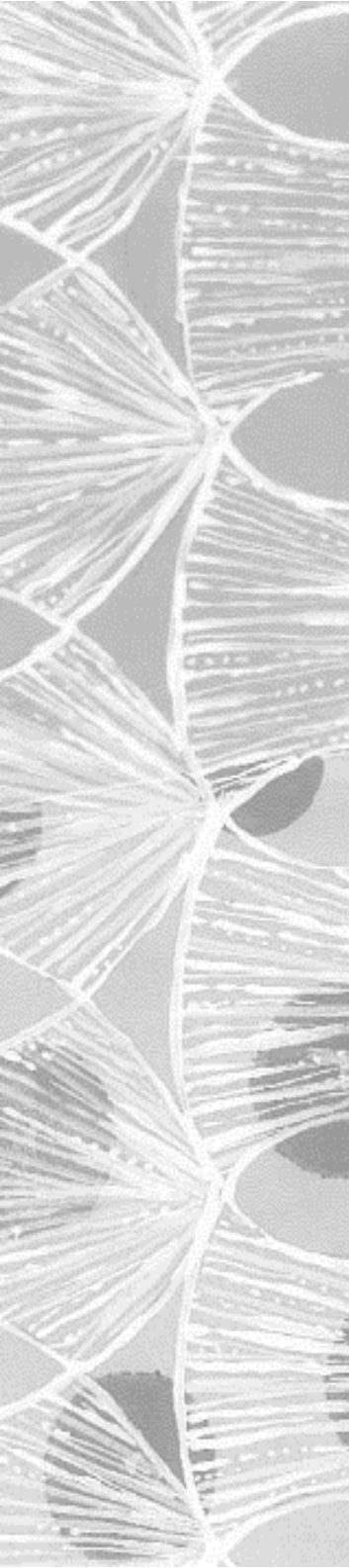
de chamas revolucionárias,

descendentes e ascendentes

fazem roda, sem rodeios.

Sorrindo, amorosamente,

perguntam: você tem fogo?



ORAÇÃO AO TERRENO

ORAÇÃO AO TERRENO

(Para Nanda e o amor que vivemos)

Um banco vazio,
nas margens do rio.
O convite para parar.
Parar para passar.
Sentar e respirar.
Presenciar a passagem
do tempo, do vento e das borboletas.

Ter novamente horizonte.
Sentir na pele o sopro
e sua dança com as folhas e as águas.
Saborear a melodia das asas da gaivota
e as luzes e sombras do dia em nós.

Descalços dos pés à cabeça,
pisar o chão de nossas angústias,
tocados pelo terreno.
Ousar olhar para o céu com pureza
perplexa e curiosa de criança.
Sermos subitamente preenchidos
de ar, amor, liberdade e mistério.

OS NOVOS ALQUIMISTAS

(Para Jorge Ben Jor e Gabriel García Márquez)

Discretos e silenciosos,
como Ben já dizia,
foram devagar.
Em intensa e dialética calma.

Diante do mistério
que habita o tudo e o nada,
não aceitaram o atraso
de uma vida acelerada.

Na dúvida,
acreditaram nas perguntas.
E aprenderam a acolher
o que dizem os silêncios.

Negaram os tolos e seus ouros.
Fizeram-se reciprocamente sonhos.
Nas buscas de novas buscas.
No devir.
E faziam questão de amar.
E de sorrir.

FOLHAS DE ANÚNCIO

(Para Leninha, minha mãe)

Alheio às notificações,
aos ruídos, à ansiedade e à rispidez,
o bem-te-vi escuta as folhas
que lentamente caem dos ipês
e anunciam o rosa.

O MONGE, O BASTA E O BASTÃO

(Para Tito, meu pai)

Depois de muito caminhar
e arder descalço
sobre os troncos queimados,
o monge meditou por décadas
com seu bastão.

Para fazer
o que se quer fazer
é preciso fazer nada.
Para aprender, desaprender.
Para viver, morrer.

Mas, no bastão apoiado,
Não permaneceu parado.
Subia os vales
e descia as montanhas.

No alto tão baixo que foi,
tamanho sua surpresa
em sua ação-contemplação.
Na beira do penhasco se ouvia
o vangloriar daquele que dizia
Ser ele mesmo o iluminado,
o que superou a ilusão.

Com serenidade visível
que somente é possível
após anos de meditação,
o bastão olhou para o monge
e antecipou sua intervenção.
Fez se arma ou instrumento
de sublime redenção.

Então o monge alvissareiro
por um instante, fez-se inteiro.
E violento lançou, no desfiladeiro,
o incomparável trapaceiro.

SONHO REAL

(Para Sidarta Ribeiro e Jorge Du Peixe)

Sufocados por boletos e tarefas,
acostumamos com a insanidade
que difere o sonho da realidade.
Nos pregam uma peça
e, crentes na equivocada distinção,
atribuímos ao sonho, a pecha de ilusão.

Presos ao cotidiano,
como avisou Caetano,
aprendemos, com agilidade,
a nomear a cidade de realidade.
Sendo que ela, com sua feia fumaça,
encobre as constelações.
É o avesso do avesso do avesso das canções.

Essa cegueira se vê, ainda mais,
nas telas que nos assistem, absurdos, virtuais.
Não se pescam sonhos com redes sociais.
Cabisbaixos de nariz em pé,
feios Narcisos, submersos em dispositivos,
deixamos de estar impregnados de horizontes.
Do amanhã e do ontem
que a realidade dos sonhos transborda
em nosso presente-passagem a bordo da Terra.

Na Terra.

Superar a trágica ruptura
entre o vivido e o sonhado
exige aterramento.

Pisar no chão, respirar fundo.

Para voltar à Terra, sair do mundo.

O terreno é expressão radical
do real-onírico psicodélico e celestial.

As cores das aves, das pedras e das flores.

As asas das borboletas.

Os raios do sol que tocam o meu rosto
e os da tempestade que estremecem meu corpo.

O topete da garça e os olhos da coruja.

Os troncos das árvores, as abelhas e as carambolas.

Os cantos das cigarras e os voos das libélulas.

Os silêncios e os sons do lusco-fusco.

O vento ligeiro nas folhas do coqueiro.

Os porcos-espinhos e os cavalos-marinhos.

Os rios e os mares, as montanhas e os vulcões.

As placas tectônicas, os recifes e os corais.

A sublime bioluminescência
dos vagalumes e das criaturas abissais.

O laranja da aurora e do poente.
O jequitibá que vem da semente.
O perfume-sabor e as cascas da pinha.
O andar do caranguejo, o ovo e a galinha.

Quero dormir para acordar.

LUGAR DE ESCUCHA

(Para Lélia González e Russo Passapusso)

Resuena, resuena.

Ecoa la voz de Lélia, ecoa,
en los cantos del Russo bahiano:
somos latino-amefricanos.

Ressoa, ressoa.

Ecoa a voz de Lélia, ecoa,
nos cantos do Russo baiano:
somos latino-amefricanos.

SHISEI (Vida-morte)

(Para Deraldo Ferreira Neto e Denise Kuriyama)

Perceber o mistério da fatal figura
no que antecede seu encontro
no final da estrada.

Observar a sombra que ela espalha
sobre as pedras e as flores
que estão no caminho.

Experimentar, também sombreados,
outros contornos e formas
daquilo que se tomava
como rito sacrificial,
mas é baile.

Doida e doída festa paradoxal,
da qual só se aproxima quem se distancia
das ilusões de eternidade e de vitória.
E celebra se perder
na breve dança que improvisa
entre o futuro e a memória.

UMA SÓ CARNE

(Para Luiz Gonzaga e Vitor Rami)

Da janela entreaberta,
entre as cortinas,
o pôr do sol assovia
o fim.

De mais um dia, de todos os dias.
Do nosso desejo, dos nossos beijos.
Da nossa angústia, das nossas lutas.
Da nossa verdade, nossas ilusões.

Como choro de sanfona
que se encolhe e se estica,
ocaso em casa,
anoiteço longamente
sem dormir.
Se as estrelas brilham – e são tantas –
por que a noite é tão escura?

NADA NÃO

(Para Milton Nascimento e Luedji Luna)

Ando angustiado por nada.
Dito assim, parece faniquito.
Mas diz respeito ao absurdo,
ao sofrimento e ao finito.

O nada me assombra em tudo.
Na vontade de fugir
e de me manter encorajado.
No silêncio das noites
e nos dias tumultuados.

Nas histórias que ouço e que conto.
Nos quebra-cabeças,
em que me monto e desmonto.
Na piscina do hotel,
na fila do supermercado.
O vazio se espalha por todo lado.

É o banal.
Terreno e cósmico trivial.
Não há de ser nada.
Filho da morte e da liberdade,
misterioso pássaro do pântano,
do qual me alimento e me esvazio
para não ser devorado por ele.

ENCONTRO DISTANTE

(Para Maria Rita Kehl e José Ortega y Gasset)

Só me encontro distante.
É quando me afasto de mim,
que me observo, perdido.
E atribuo sentidos
à passagem que sou.

Meu caminho é o outro.
E a caminhada me constitui.
Sendo outro em cada passo.
Sendo passo em cada outro.

Passo sempre por aqui,
mas não ancoreo meu navio.
Se sou sempre por um fio,
aceito ser pávio
e ser chama
até o
fim.

SUNSET

(Para Jack Johnson)

Johnson dances on his board every morning,
with his sunglasses
and tries to reach the sun.

Johnson's wishes: the magic wave of a full life.
He improves his performance
and tries to reach the sun.

But he falls,
the board falls
and the sun sets.

Johnson plays guitar every afternoon
and whistles songs.
He wants to set the tune.

Johnson wants a life melodically perfect.
He improves his performance,
he wants to set the tune.

But he falls,
the guitar falls,
falls out of tune.

But he falls.
The board falls.
And the sunset.²

² PÔR DO SOL: Johnson dança em sua prancha toda manhã / Com seus óculos de sol / E tenta alcançar o sol / Os desejos de Johnson: a onda mágica de uma vida plena / Ele aprimora sua performance / E tenta alcançar o sol / Mas ele cai / A prancha cai / E o sol se põe. / Johnson toca violão toda tarde / E assobia canções / Ele quer dar o tom / Johnson quer uma vida melodicamente perfeita / Ele aprimora sua performance / Ele quer dar o tom / Mas ele cai / O violão cai / Desafinam / Mas ele cai / A prancha cai / E o pôr do sol.

TERRENO MANTRA

(Para Paulinho Moska)

Corpos.

Somos terra.

Somos seres de passagem.

We are the river that flows.³

Somos el aliento que passa⁴.

Corpos.

Somos terra.

Somos seres de passagem.

We are the river that flows.

Somos el aliento que passa.

Corpos.

Somos terra.

Somos seres de passagem.

We are the river that flows.

Somos fuego que arde y se apaga.

³ Somos o rio que corre.

⁴ Somos o sopro que passa.

COTIDIANO AVESSO

(Para Manoel de Barros)

Perceber o avesso.
Avessar-se percebido.
Mergulhar bem no centro,
na beira do rio.

Tocar o chão de asas abertas,
com solenidade de garça tranquila.

Correr como pedra
a superfície das águas
lançada por brincadeira
de menino.

E no sorriso sem boca de uma mangueira,
caminhar nos galhos com os olhos.

Fazer do poético o cotidiano principal.
Fazer-se avesso
ao mundo avesso ao terreno.

EU

PASSARINHO



EU PASSARINHO

(Para Chico Buarque de Holanda e Tom Jobim)

Quando canto,
eu me esvazio e sou inteiro.
Canário do Reino de Tim.
Canto para todo lado.
E para ouvir meu canto avoadado
não precisa de dindin.

Mas, quando é preciso cuidado,
por curto período, contrariado,
eu calo o bico.
Pois, como alertou Chico,
Sei bem quem vem aí.

Vêm e vão em vão.
Seus bustos, barbáries e glórias,
forjando memórias,
ansiando domínio.

Em torno de si, centrados,
não ouvem os cantos.
Da Terra, das aves,
dos povos e povoados.
Das sereias e dos pescadores.

Atentam-se apenas
aos ruídos dos motores.
De seus carros, espaçonaves e tratores,
das engrenagens pouco melódicas
das caixas registradoras.

Eu tenho pena
dos que ouvem,
mas não escutam.
E enxergam por pontos cegos.

Apequenados,
em suas fixações na superfície,
como, ironicamente,
antecipou Nietzsche,
fazem obscenos acenos
contra meu voo.

Querem calar meu canto,
cortar minhas asas,
travar meu caminho.
Lamento o rompante delirante.
Canto e voo mais alto,
nos desalinhos do meu voo-canção.

Bato as asas,
como quem dá os ombros.
E sorrio, como Quintana,
com o bico e o coração.
É que os homens da história
não podem matar
meu canto no ninho.
Não conseguem arrancar
asa que voa e ainda não nasceu.
Esperança eu, eu passarinho.

METÁFORA

(Para Dorival Caymmi, Fernando Pessoa e José Miguel Wisnik)

O pastor verdadeiro,
Mestre Caieiro,
de tão sublime,
não nasceu,
foi inventado.

Ser idealizado
que nega a idealização do ser,
por ser passageiro,
transcendeu seu tempo.
Com ironia, fez-se
e desfez-se em legado.

Dizia que a realidade e a poesia
estão na natureza em si,
não em alguma representação.
Dizia que o vento sopra só vento,
não sopra memória e saudade.

Com Dorival Caymmi aprendi
que isso é mentira e verdade.

TRÊS DESEJOS

(Para Christian Dunker e Paulo Leminski)

- I. Desejo a coragem de desejar outros desejos.
- II. Desejo escutar nossos desejos, livres de comparação.
- III. Desejo a chama invisível que não queima. O tédio,
o vazio e o enigma que me fazem desejar.

DE SAÍDA

(Para Elza Soares)

Seis da manhã.

Na penumbra, de repente,
o mesmo agudo estridente.

Ele nem se mexeu.

Ela acordou agitada.

Procurou, aos solavancos,
o telefone na cabeceira.

Repetiu mentalmente:

“deve haver outra maneira.”

E se prometeu, novamente,
mudar o toque, tocar a vida
de um modo diferente.

De pé, na cozinha, comeu o pão de ontem,
ao invés das frutas que já apodreciam.

Muita manteiga outra vez, só dessa vez.

Mas, na terceira mordida,
de súbito, imaginou uma saída.

Aquele outro trampo, longe da família.

Talvez um novo sonho,

um novo amor,

aquela dança que a prima comentou.

Perdeu o juízo. Quase sorriu.
Saiu depressa, sem escovar os dentes.
Pedi o carro no aplicativo,
enquanto questionava o motivo
de não ter feito isso antes.

TEMPO DE VIDA (MEDITAÇÃO)

(Para Pepe Mujica)

Não é com dinheiro
que eu pago minhas contas.
Meu trabalho é tempo de vida.
É tempo de vida.
Vida. É tempo.
É tempo de vida.

DE LADINHO

(Para Álvaro Alves e Paulo Ondeí)

Diante da correnteza,
do mar de apressados,
que, velozes, entornam-se
em suor amargo
e lágrimas salgadas,

andar-dançar-amar
com rebeldia irônica
de caranguejo.

De um lado ao outro.
Pendular.
Ir e vir, vir e ir.
Como o tempo.
Respirar atento
e sorrir.

SAUDADE

(Para Aline Bei)

Quando vejo, à distância
a fumaça de seus incêndios,
e lembro das madrugadas
em que sonhamos outras jornadas,
meu coração se parte ao meio.

Por que você não veio?

Atordado como pássaro
quando tromba com o vidro,
quero te trazer de volta,
recuperar o tempo perdido.

Quando eu lembro de você
nos frutos que eu saboreio,
meu coração se parte ao meio.

Por que você não veio?

Na escassez dos encontros,
na memória da beleza
da sua angústia, sua indignação.
Do seu desejo de amor, de transformação.

E até mesmo no seu ódio
ao que eu também odeio,
meu coração se parte ao meio.

Por que você não veio?

Assimilar a confusão.
Em nossas idas e vindas.
Entre o sim e o não,
nossas disputas e partilhas,
nossa composição e decomposição.

E, em sua ausência,
Reconhecer sua presença.

BELO TOMBO

(Para Cláudio Thebas e Sebastião Salgado)

Na queda, a legítima tristeza
convive com a natural beleza
da vida e da zebra
em seus traços e contrastes.

PÁSSARO FRONDOSO

(Para Ney Matogrosso)

No som do vinil
Luli dá a letra:
alguém como aquele,
cantando aquilo,
naquele momento,
daquela maneira,
era explosão certa.

E o homem que semeou além
dos terrenos áridos e úmidos,
fez-se lenda latina da liberdade.

Pássaro frondoso,
de voos e cantos que tencionam
– e intencionam –
as semelhanças
e as abissais distâncias
entre os brasis de Ney
e de Neymar.

OUTRO QUERER

(Para Geni Núñez)

Quero o outro
que ame outros.
E outras palavras.
Farfúncia difícil de cumprir.

O outro ensimesmado
não é o outro.
É o mesmo.

Seu silêncio,
cada vez mais raro,
é constante preparo
de sua autoexposição.

De sua zoadá enfadonha.
Na contagem de suas medalhas
que encobrem suas falhas,
sua culpa e vergonha.

Não é o outro.
É o padrão.
Eu quero outro.
Outro que seja outro.

Outra caminhada, de outro jeito,
Outros sonhos, em outros peitos,
Outros delírios, outras canções.

Aliás, desejo outro desejo.
O grito mudo e perplexo,
a ternura no sexo,
e alguma animosidade
de bom dia.

ERA VIDA

(Para Daniel Drummond, Yussef Salomão e Luiz Mussio)

Se bem me lembro,
eram azuis.
Os três astronautas e suas guitarras.

A lua, enuviada, crescia.
E as estrelas dançavam lentamente.

De longe, eu vi,
ou posso ter imaginado,
um peixe e o mar
em beijos demorados.
Você sorriu.

Vertiginosamente,
como no instante
de primeira mordida
em manga madura
no pé colhida,
a vida era bonita.

DESEJO ESTRANHO

(Para Curumin, Itamar e Anelis Assumpção)

Ser estranho é condição de ser.
Tornar-se estranho é tornar-se.
Estranhar a si mesmo e aos outros.
Estranhar o mundo
– e ser estranhado por ele.
Como Adorno já dizia,
estranho é o caminho da arte.
E, também, o da filosofia.

URU-TAO

(Para Ailton Krenak)

Como se árvore fosse,
respira o breu com a luz
de seus olhos fechados.
Enxerga o silêncio
e a escuridão da noite em si.

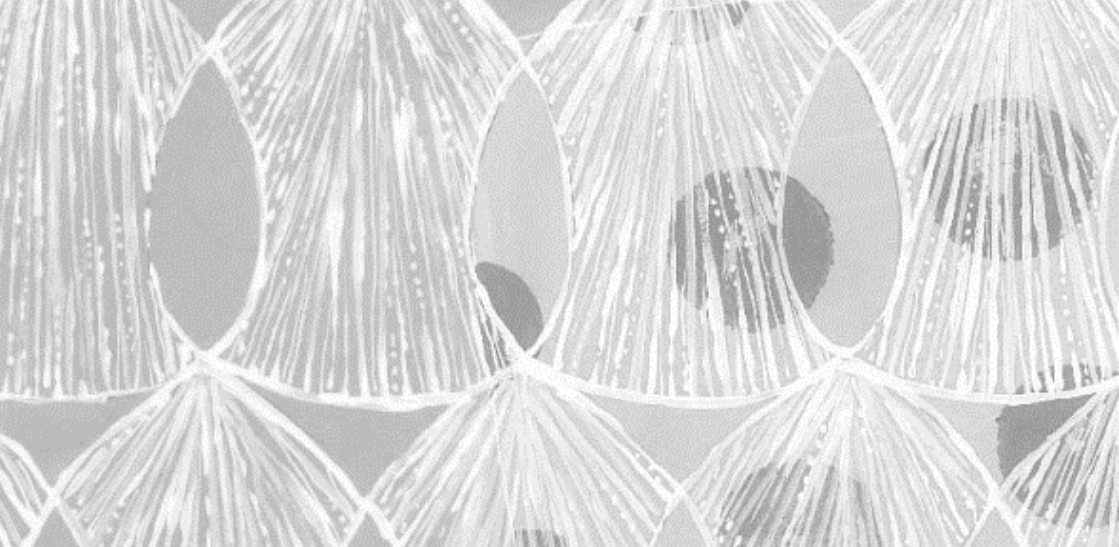
Se alimenta nos voos.
Boquiaberto – instante após instante –
devora o mundo entre as asas.

E chora.
Chora a solidão e a morte dos seus.
Chora a ânsia inconsequente
de fuga e alívio.
Chora o amor proibido
pelos caciques digitais
da aldeia-mercado global.

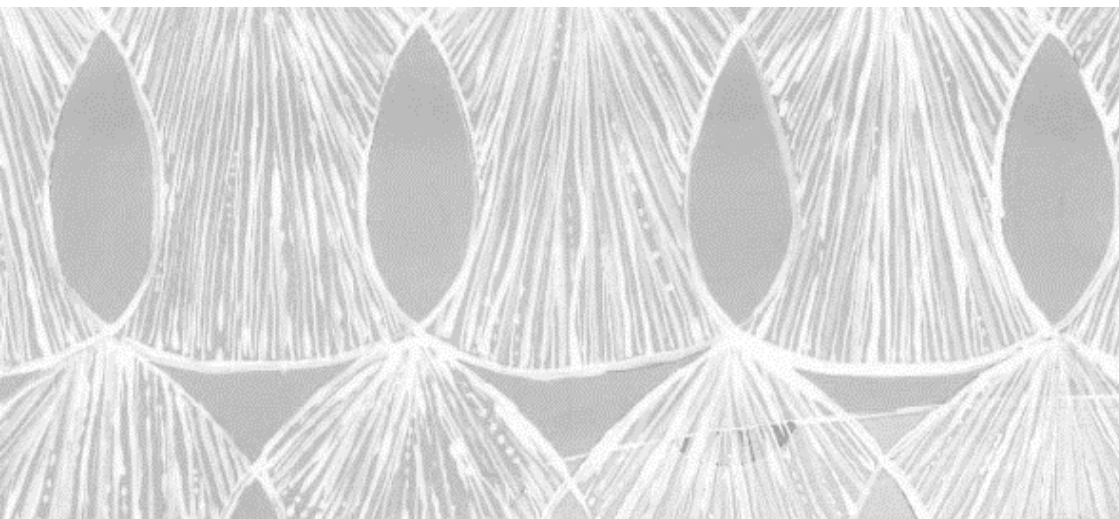
Chora o assombro, o desamparo.
Preenche e esvazia o peito,
a cabeça, o campo e as horas
com a vastidão notívaga
em que desaguam todos os dias.

No seu choro e além,
é corpo. É natureza. É vida.
Das texturas e cores prometidas
entre o céu e a terra,
escolhe ser tronco, arvorecer.
Árvore ser, como Bernardo, como Manoel.

Aceita o convite que faz toda garça
para todo menino quando se encontram.
Cerra os olhos e se abre para a Terra.
Sorri discretamente, já amadeirado,
Enquanto brisa com o vento.



LIBERTAS



LIBERTAS:

BREVE ENSAIO SOBRE A LIBERDADE

(Para Angela Davis, Ailton Krenak e bell hooks)

Quero que sejamos livres.
E, para assim ser, talvez saber
o que faz de um ser, um livre ser.

De antemão percebi que tomar a liberdade
de dizer a liberdade, é caminho-labirinto,
sem começo nem fim.

Mas, se é para dar início
– ou continuidade – ao nosso encontro,
Procuro dizer o que não é liberdade,
para reconhecê-la, em contraponto.

A liberdade não é conquista.
É o contrário da expansão imperialista.
Não se ganha com medalhas, retidão
ou bons tiros de canhão,
em míticos campos de batalha.
Não é vitória virtuosa
de troféu, território ou salvação.
Não admite distinções nacionais
nem hierarquias sem justificação.

A liberdade não cai do céu, nem é pecado.
Não é propriedade, patrimônio ou legado.
Minha liberdade começa quando a do outro começa,
Não é lote que possa ser cercado.
Conflituosa jornada compartilhada,
sempre provisória, condicionada,
A liberdade não tem ponto de chegada.

A liberdade não é trabalho.
Nem profissional vocação.
Subordinado de ponto a ponto,
no padrão, trabalho é exploração.
É exaustão dos corpos, do campo e da cidade.
Do humano e do terreno, mórbida destruição
em cadeias globais de produção.

Trabalho é martírio rotineiro, *looping* infinito
das semanas que esperam seu fim.
É o sufocante ir e vir no ônibus lotado.
Nas precárias condições de ser,
ser trabalhador é ser escravizado.

E a realização humana é maior, muito maior
do que sua expressão mercantil.
Perguntaram para uma criança:
– *O que você quer ser quando crescer?*
Ela disse: – *Gente.*
Foi censurada, tachada de infantil.

A liberdade também não é uma mercadoria.
Não tem a ver com óculos escuros,
nem se refresca com goles de coca-cola.
É impossível estocar liberdade
nas prateleiras e vitrines virtuais
de propaganda e performance
em que nos embalamos nas redes sociais.

No surto frenético de mais querer,
engana-se quem livre espera ser
à vista, ou parcelado no cartão.
A liberdade não é voo que se faça de avião.
Nem viagem esplendorosa em luxuosa embarcação.

Pouco adianta tragar seu cigarro,
empinar sua moto,
ou deixar seu almoço esfriar,
para postá-lo em uma foto.
Liberdade não se compra, nem se vende.
Não é alienação, nem admite ostentação.
Não se adoece em espetáculo de narcísica competição.
Liberdade requer amor e ócio, sem negociação.

A liberdade não é o seu culto.
Raramente há alguma liberdade
no hastear de bandeiras.
Não há liberdade com cerimonial.
Ninguém se torna livre cantando o hino nacional.

E não há constituição que resolva.
Drummond disse uma vez,
os lírios não nascem das leis.
É cinismo oligárquico abissal
a afirmação meramente formal
da liberdade, em verso e prosa.
A propaganda da liberdade é propaganda enganosa.

Do alto de suas montanhas
de dinheiro e perversão,
os senhores do mundo gargalham
quando os escravizados não reparam
a diferença entre liberdade e escravidão.
Somos livres? Verdade ou ilusão?
Livres para comprar e para se vender.
Obrigados a escolher, livres para a exaustão.
Submetidos à depressiva pressão,
da procura obsessiva pela melhor versão
de si, de tudo e de todos, sem interrupção.

Soterrados pela total comparação,
sob os escombros do medo, da culpa, da ansiedade
e da absurda e imensurável diversidade.
De sabores, profissões, dancinhas e vontades.
De hobbies, tendências, crises e identidades.
Ocupações e passatempos de sujeição mercantil,
rituais de autossacrifício e autossatisfação,
de ególatras deprimidos,
cúmplices e vítimas da opressão.

A liberdade não é uma realização individual.
É impossível ser livre apartado
da natureza e do social.
A crença em uma alma temente,
que, sendo bem-comportada, obediente,
Sobe só aos céus e alcança, exclusivamente,
sua impartilhável salvação,
repete o individualismo da alegoria de Platão.
De alguém que sozinho sai da caverna,
sozinho se desvencilha do grilhão.
Liberdade não é solidão.

O engodo se repete na mitologia neoliberal
Que promete libertar da pobreza
pelo empreendedorismo individual.
Não há como ser livre e rodeado de opressão.
Nunca é demais relembrar do professor, da lição:
“Ninguém se liberta sozinho.
Ninguém liberta ninguém.
Só há liberdade em comunhão”.

E não é somente a liberdade individual,
Também você, indivíduo, é uma ficção atual.
Cada indivíduo é um universo histórico e relacional.
Somos as relações que constituímos.
Somos nós. Nós existimos.
Todo eu é outro.

E nossa liberdade é, afinal,
desafio de bem viver.
De libertar, de modo universal,
universos de relações
que se constituem ao conviver.

Ser livre é morar e se demorar em liberdade.
Com as outras pessoas, com as comunidades.
Em casa, nas ruas e nas matas.
Na Terra e no cosmos.
Nos elos que nos compõem e nos decompõem.

Coragem.
Como Davis faz e diz,
a liberdade é luta constante.

Sabedoria.
Da forma que Krenak é e anuncia,
em sua indígena profecia,
a liberdade só é presente
se ancestral e futura.

Solidariedade.
Assim hooks viveu e ensinou:
a liberdade é prática de amor.
E o amor,
prática de liberdade.



POLÍTICA NACIONAL
PNAB
ALDIR BLANC



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



Terreno